



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FERNANDA SOUZA FEIJÃO

(entrevista)

Fortaleza, CE

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-913

Nome do/a entrevistada: Fernanda Souza Feijão.

Local da entrevista: Fortaleza (CE).

Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 20/07/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 01 hora e 40 minutos.

Páginas Digitadas: 44.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: FEIJÃO, Fernanda Souza. Entrevista concedida por Fernanda Souza Feijão ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, FORTALEZA (CE), 20 jul. 2019, 47p.

SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Cearense de Futebol de Salão e Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Fortaleza (CE), 20 de julho de 2019. Entrevista com Fernanda Souza Feijão (F.F.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Fernanda Feijão, árbitra CBFS, Fortaleza, dia 20 de julho, às dezesseis horas e trinta e dois minutos. Boa tarde, Fernanda.

F.F. – Boa tarde.

M.L. – Qual teu nome completo?

F.F. – Fernanda Souza Feijão.

M.L. – Tua data de nascimento?

F.F. – 28 de janeiro de 1984.

M.L. – Onde nasceu?

F.F. – Teresina, Piauí.

M.L. – Tua escolaridade?

F.F. – Superior completo.

M.L. – Em?

F.F. – Educação Física.

M.L. – Tem alguma outra graduação?

F.F. – Atualmente tô terminando Medicina. Tô no décimo segundo semestre.

M.L. – Graduando-se por qual universidade?

F.F. – Unichristus, de Fortaleza.

M.L. – E a área de Educação Física?

F.F. – Foi pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, de Sobral, no Ceará.

M.L. – Profissão?

F.F. – Educadora Física. Atualmente voltei a ser acadêmica [riso].

M.L. – Fernanda, eu queria que você me contasse como foi a sua infância e a sua relação com o esporte.

F.F. – A minha infância sempre foi *muito* ligada ao esporte. *Bastante!* Eu sempre pratiquei *muito* . Assim... Sempre participei de todas as aulas de Educação Física, sempre joguei e sempre joguei tudo. Era aquela da escola de... Tem queimada, tô lá; vai ter jogo de peteca, tava no meio, né? Eu sempre, sempre participei bastante. Então foi isso... Isso foi uma das coisas que me fez, de primeira, escolher Educação Física como graduação. Era a questão do esporte mesmo.

M.L. – E na rua? Havia convivência com outras crianças nessa pratica?

F.F. – *Muito* . Apesar de ser menina, caçula, né? Que aí era o problema pra poder jogar na rua, porque na minha casa são três: são dois homens e eu de mulher. E eu sou numa época de *vários* primos homens, então lá em casa, tipo, os próximos, eram sete homens e duas meninas [riso], mas só eu gostava de jogar, né? Então era uma confusão para eu poder jogar na rua, mas eu sempre ia [riso]. Quando não ia, era dentro de casa mesmo [riso]. Juntava os primos, fazia a festa.

M.L. – E quando você se envolveu com o esporte? Sabe precisar a idade?

F.F. – É... Assim... Quando eu fui pro esporte mais, mesmo assim de treino, de treino mesmo, acho que com catorze, quinze anos. Foi quando eu comecei realmente a participar já de clube pra treinar, porque aí eu treinava o futsal e depois com dezessete, dezoito, comecei a jogar handebol.

M.L. – Como é que sua família reagiu a esse seu envolvimento com o esporte? Só você dentre tantos homens...

F.F. – É. Meus irmãos até que gostavam de jogar, mas bem menos do que eu. Eu sempre joguei muito mais. Tinha aquele preconceito mesmo do início, que era aquele preconceito de... “Minha filha, menina, ela é pra tá jogando isso tudo...” Principalmente futsal, né? Mamãe dizia: “Não quer ir pro vôlei?” Eu dizia: “Eu detesto vôlei. É um dos que eu menos gosto de jogar” [riso]. Nunca me dei, assim, eu jogo, mas só pra brincar mesmo. Nunca gostei muito de vôlei. Mas é... Mas aí também minha mãe sempre deixou a gente muito livre pra... Como eu gostava e queria, eu ia. Tentei fazer balé também, porque mamãe queria que eu fizesse balé. Entrei no balé, mas aí não deu certo o balé [riso]. Eu: “Não, mãe. Isso aqui não é pra mim. Essa dança aqui... Não vai dar certo” - apesar de ser um esporte também muito bonito. Aí pronto. Fiquei mesmo só na parte dos esportes, principalmente futsal e handebol.

M.L. – E os irmãos? Havia algum comentário? Conhecidos, os vizinhos?

F.F. – Dos meus irmãos não, porque é... Como a gente jogava *muito*, isso era... Como nasci em capital, então acabava que jogava muito dentro de casa só a gente, né? Mas dos vizinhos sempre tem, né? Vai ter aquele racha que só tem os meninos... “Lá vem a menina, não sei o quê...” Sempre tem aqueles comentários: “Lá vem a Maria Homem. Lá vem não sei o quê...” Mas aí como eu gostava de jogar, e eu jogava *bem*, então eles não me deixavam de fora [riso].

M.L. – Você então tinha habilidade e tinha...

F.F. – Eu tinha lugar nas equipes. Eu nunca ficava de fora assim, tipo, nunca era a café-com-leite, né? Sempre tinha vaga [riso]. Então deu certo.

M.L. – Agora eu me lembrei de Alane. Ela disse que era dona da bola, dona do apito e dona dos cartões. Se não botasse ela no jogo, não tinha jogo [risos].

F.F. – Meu irmão era o dono da bola, porque era o rapaz [riso], mas ele era o mais zanga... O meu irmão era assim: se ele fosse... Pro campo mesmo... Como eu nunca gostei de campo, eu acho que... Eu acho que eu tinha menos preconceito porque eu nunca fui pra campo. Eu acho que o campo é pior. Eu sempre fui mais assim, da rua e de quadra dentro de colégio. Então quadra de colégio geralmente mistura muito, né? E de rua também. Agora, quando era escolinha de campo... Os meninos jogavam, faziam escolinha de campo, mas como eu não gostava, eu nunca nem fui. Então não sei nem te dizer se ia ter muito preconceito ou não, porque eu nunca gostei de campo. Fui jogar uma vez, desmenti o dedo da mão e desisti. Aquela bola que *quica* demais! Não! Nem no handebol eu machucava tanto o dedo da mão. Eu digo: “Não! Desisto do futebol. Não dá pra mim não. Negócio muito grande”. Eu gosto de algo mais dinâmico, mais rápido, sabe? Aquela coisa... Futebol você fica naquele campo ali e espera meia hora pra bola voltar... Não! [riso].

M.L. – E como é que Fernanda começa a aflorar essa paixão, essa pratica pelo futsal? Você disse que jogava também handebol, né?

F.F. – Foi. É... O futsal foi à primeira paixão, né? Eu comecei pelo futsal. Eu acho que é porque é o que a gente tem mais acesso, é o mais fácil, tipo assim, é o que tem na rua, é o primeiro que você tem o contato e aí... e eu gostava muito, jogava muito com os meus irmãos, com os primos e que era o esporte preferido. Aí veio vindo essa paixão que foi crescendo e foi comigo, foi me acompanhando, foi acompanhando no colégio – participava do time dos colégios, participava de times de escolinha – aí foi crescendo, entrei na faculdade, permaneci no time de futsal, sempre procurando... Hoje, atualmente, mudei de faculdade e continuo procurando [riso], né? Montei o time da Medicina, porque nem existia. Montei porque... “Não, não posso ficar sem. Tem que ter, né?”

M.L. – Você relatou aqui que você também já foi técnica, né?

F.F. – Já.

M.L. – E aí, como é que foi essa experiência de ser técnica de futsal?

F.F. – Pois é. Técnica de futsal feminino. Fui de futsal feminino. Eu comecei... Quando eu terminei o ensino médio, jogava mais futsal, e aí me decide fazer Educação Física, né? Quando eu passei pra Educação Física, aí comecei o curso... Com dois anos que eu tava no curso, eu comecei a estagiar na Secretaria de Esportes e aí eu acompanhava um professor, que foi meu professor no colégio, que depois virou meu chefe, que depois a gente virou colega de trabalho e aí ele tinha um time feminino e aí eu comecei a acompanhar ele durante os treinos. Eu era tipo auxiliar, né? Uma auxiliar técnica. Aí depois de um tempo, quando eu me formei, ele saiu e me deixou como técnica do time. Eu fiquei dois anos como auxiliar e depois eu fiquei como técnica da Seleção de Sobral e aí fiquei quatro, cinco anos. Eu sou meio ruim de data, mas acho que fiquei uns cinco... Fiquei cinco anos como técnica da Seleção de Sobral.

M.L. – E como foi essa experiência?

F.F. – Ah, foi incrível, né, porque trabalhar com mulher é difícil. Era melhor eu ter escolhido trabalhar com futsal masculino, porque... Mas foi incrível... Deixei um pouco a arbitragem, porque eu era técnica e não podia apitar, mas foi incrível, assim, o trabalho... Era um trabalho social, eu não recebia pra fazer esse trabalho, era um trabalho voluntário e era um trabalho *muito* legal, muito *bacana*. Tive altos e baixos, vitórias, derrotas, ganhei várias amizades, ganhei várias inimizades também [riso]. Tem atletas que até hoje eu tenho como amigas, que eu carrego no coração mesmo. Foi, foi maravilhoso.

M.L. – Algum título expressivo ou algo que tenha te marcado enquanto treinadora?

F.F. – *Ah, muito!* Eu fui... Como técnica, eu fui eleita três anos seguidos a melhor técnica de Sobral, porque a gente jogava também o Sobralense da cidade. A gente ganhou o Intermunicipal, na época que o Intermunicipal Cearense ainda existia, porque atualmente... Eu acho que já tem uns cinco anos ou mais que não acontece, infelizmente; mas na época era muito forte o Intermunicipal. Participavam as cidades de Sobral, Limoeiro, Fortaleza... E a gente conseguiu ser campeã e foi uma das mais expressivas. É... Cheguei a ser campeã. Cheguei há dois anos ser vice-campeã dos Jogos Abertos Cearenses, também - que eles

fazem por zonal e depois fazem o Estadual - que também foi muito legal. E teve muitas, muitas coisas boas; até nas derrotas também foram muitos aprendizados bons.

M.L. – Fernanda, você acompanha, regularmente, algum tipo de esporte ou o próprio futsal?

F.F. – Acompanho. Eu gosto. O futsal. Eu acompanho tanto o Campeonato Cearense, que é o que eu tô inserida [riso], porque o nosso Campeonato ainda é muito bom, né? A gente abrange, a gente tem da categoria de base até o adulto e eu gosto sempre de tá assistindo também. Adoro assistir os *Grand Prix*¹ feminino, masculino; adoro assistir o Campeonato Paulista que é top também; Taça Brasil. Quando dá para assistir na TV, eu acompanho.

M.L. – Além da TV, acompanha por outros meios, essas competições?

F.F. – Ou TV ou ao vivo, alguns aqui mesmo no Ceará.

M.L. – Costuma ir a estádios, ginásios?

F.F. – Ginásios. Costumo. Gosto, principalmente quando tem finais das competições, dos jogos classificatórios ali, oitavas, quartas de final... Eu sempre gosto de ir.

M.L. – Jogou futsal por alguma equipe, alguma agremiação? Lembra quando foi esse jogar, esse ser atleta?

F.F. – Eu sempre joguei ou pela escola ou pelas faculdades.

M.L. – Algum título nessa trajetória de atleta?

F.F. – Ichi... De atleta? De escola, a gente era... *Vários!* A gente foi campeão várias vezes pelo colégio que eu estudei. Eu estudei no Colégio Luciano Feijão, em Sobral. Meu primeiro, segundo, terceiro ano do ensino médio, a gente foi campeão dos três assim... dos,

¹ Competição internacional de futsal semelhante à Copa do Mundo de Futsal, mas com países convidados e é realizado anualmente no Brasil.

dos Jogos Escolares, né? Mas de faculdade... a gente também foi campeão Cearense pela FUCE (Federação Universitária Cearense), a gente foi campeão Cearense, dois anos, pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú; só que a gente nunca viajava pra Brasileiro, porque aí quando era pra viajar, sempre ia a UNIFOR², porque a faculdade nunca liberava.

M.L. – Então vocês não chegaram a disputar Jogos Universitários?

F.F. – Só o Cearense. Brasileiro a gente nunca chegou a competir, porque a faculdade não... Quando era para o passo dois, a faculdade nunca... A gente nunca ia. Sempre quem ia era a UNIFOR.

M.L. – A UNIFOR, hoje, ainda é hoje, um nome *muito* forte no futsal...

F.F. – Isso. A UNIFOR investiu mesmo e hoje elas são... Ganham mesmo a competição e representam... A UNIFOR cresceu muito. Eles investiram muito mais do que com relação à antigamente. Eu me formei em 2005, 2006... Tem um tempinho já. Antes era bem menos, mas eles investiram pesado, investiram muito. Hoje a UNIFOR é a equipe cearense e nordestina que ninguém bate.

M.L. – Não é a toa que tem várias atletas da UNIFOR que estavam na Seleção Brasileira que conquistou agora o *Grand Prix*.

F.F. – Exatamente. As meninas estão brilhando lá e jogam muito mesmo. Tem a Nenega, a Popó... As meninas jogam muito!

M.L. – Fernanda, quem foram os treinadores ou treinadoras que marcaram a sua trajetória enquanto atleta?

F.F. – Professor Rosaldo, Rosaldo Freire, que foi um dos que me apresentou mais... Ele era o técnico do Luciano Feijão e aí foi meu colega de faculdade, foi meu colega de trabalho. Rosaldo foi um bem marcante. É... De futsal especificamente, professor Mano Barreto, que foi da Universidade Estadual Vale do Acaraú, que também foi um professor que me

² Universidade de Fortaleza.

ensinou muito mesmo. Tipo, foi minha base assim, do futsal mesmo. Foi *duma...* Deu uma melhoria, porque a gente saiu daqui, *duma* competição de colégio que era um nível bem, bem mais tranquilo, pra competição universitária, que aí foi bem mais assim... Professor Mano foi, foi um dos professores que marcaram bastante.

M.L. – Saber ia precisar quando isso aconteceu?

F.F. – O professor Mano foi de 2002 a 2006, que foi o período da faculdade, e o professor Rosaldo foi antes. Foi de... Acredito que de 1998, 1999 a 2002.

M.L. – Trabalhavam onde? Você lembra?

F.F. – É. Eles... O professor Rosaldo trabalhava no Colégio Luciano Feijão, que era o meu colégio, e o professor Mano Barreto trabalhava na universidade, na Universidade Estadual.

M.L. – E como é que a sua família reagiu a essa sua carreira de atleta de futsal já a nível universitário?

F.F. – Assim... Sempre teve aquilo... Minha mãe sempre teve aquele lado de que... “Minha filha, não vá. Vão lhe...” Minha mãe sempre me achou muito magra. Eu sempre, né? Tá vendo o porte aqui [riso]... Eu sempre fui *muito magra*. Hoje eu tô gorda; pra você ter ideia. Eu era *muito magrinha* mesmo. E aí minha mãe ficava: “Minha filha, você vai se quebrar. Tu chega toda roxa, toda quebrada. Pelo amor de Deus...” E quando eu chegava de tornozelo inchaço, aí pronto, acabava o mundo. “Ô, meu Deus! Eu te disse pra tu não...” Única mulher, caçula... Minha mãe queria morrer, né? Ela foi assistir ao meu jogo *uma vez*. Eu levei uma pancada! A menina me jogou no alambrado que eu fiquei sem fôlego. Passei meia hora no chão tomando fôlego de volta. Nunca mais ela foi. *Nunca*, nunca mais ela foi. Agora, esses dias, eu fui jogar em Sobral, pela Faculdade de Medicina e aí eu disse: “Mãe, vá assistir o jogo”. O jogo de Medicina é muito bobo. É outro nível, né? Bem... Lá a gente não joga, a gente brinca, né? O nível é pra gente achar graça mesmo, pra distrair e aí eu digo: “Umbora!”. “Vou não. Vou não”. Aí ela, deu insistir tanto, ela foi. Agora. Já. 35 anos já, né? Aí ela foi. Começou o jogo aqui e aí ela saiu. Ela não consegue, ela não consegue [riso]. Ela disse que fica agoniada [riso]. Mas assim, nunca me proibiu. Nunca proibiu,

assim, nunca foi de dar *muita força*, de dizer assim: “É a melhor coisa do mundo... Vá!” Mas assim, também ela nunca me proibiu, pelo contrário, assim, ela me incentivava fazer esporte: “Vá, vá. Quer ir, vá!” Ela brigava porque não era pra eu ir, porque eu voltava roxa, mas ela viu que eu tinha jeito, aí... Ela não ia junto, mas também ela não me proibia. Ela era tranquila. E meu pai sempre foi muito gente boa. “Minha filha, você quer ir? Vá. Pronto”. Ele não... “Só tenha cuidado”. Era a única coisa que ele dizia. Ele era tranquilo.

M.L. – E aí, nesse meio, você conseguiu fazer amigos ou amigas que marcaram sua trajetória de vida?

F.F. – *Muitos*. Eu tenho... A minha melhor amiga, tipo assim, minha *amigona* mesmo, foi uma amiga que eu fiz no futsal, na época de colégio. A gente é amiga até hoje. Eu fiz quanto eu tinha o quê? Doze, treze anos, e a gente até hoje... Atualmente ela mora em Fortaleza também, então a gente é muito próxima. Estávamos ontem juntas no show de Sandy e Júnior, que é pra confirmar a trajetória [risos]. Tenho muitas amizades, muitas. Tenho pessoas queridíssimas. Quando eu volto em Sobral, que foi onde eu tenho mais amigos, *nossa!* Na faculdade, mesmo agora, minha segunda faculdade, fiz *muitos amigos* por causa do esporte também.

M.L. – Quando e por que Fernanda começa a arbitrar?

F.F. – Eita! Eu fiz... Eu comecei... Eu fiz o curso em 2005. Eu tava terminando a faculdade. Eu fiz o curso pela carga horária e eu gostava de futsal. Eu fiz pela carga horária, porque eu precisava pro coisa e porque, como eu já trabalhava como auxiliar técnica, eu queria saber da regra até pra poder tá na beira de quadra sabendo o que que os árbitros tavam marcando, né? Até pra discutir de igual, né? Pra poder não ser aquela que ia reclamar besteira, né? E aí eu fiz o curso, fiz com Falcão. Falcão deu o meu curso aqui. Eu fiz em Sobral o curso. Fiz o curso completo, o curso da Federação, que eles vão fazendo nas cidades satélites, né? Fiz o curso só que, de imediato não apitei, porque eu ainda era técnica. Passei uns dois anos ainda como técnica. Dois, três anos... Aí fui deixando mais a parte da técnica e aí comecei a apitar. Ainda como técnica de futsal, mas como eu era técnica do adulto, eu comecei a apitar mais categoria de base, jogos menores e aí começou a vim a paixão, né? Tipo assim: “Caramba, eu gosto dos dois lados. Gosto de tá do lado da

quadra, gosto de tá dentro, apitando...” E aí surgiu.... E assim, eu digo muito que assim: “Eu gosto *muito* da arbitragem de futsal. Eu acho dinâmico, acho que você tem que pensar rápido, você tem que tomar a decisão rápido...” Eu acho muito massa, mas ao mesmo tempo, tipo assim, como é que eu vou dizer? Eu gostava muito também do lado de técnica, né? Eu ficava entre a cruz e a espada [riso] e eu digo muito assim, o futsal me proporcionou *muitas* amizades. Eu digo que o que eu vou levar da arbitragem, não são os palavrões que a gente recebe quando tá dentro de quadra, né? Quando tá apitando, de quem tá fora de quadra. Mas assim, *eu adoro* aquela coisa de você ir, você chega, você fala, você reencontra as pessoas e aí conta história... É muito bom.

M.L. – E a Fernanda treinadora, como era a relação com a arbitragem? Você vivenciava os dois lados da moeda, né?

F.F. – Era. Eu sempre assim... Eu tentei colocar uma coisa na minha cabeça principalmente quando eu aprendi a regra. Que assim... Você não perde por conta da arbitragem, né? Você perde, porque o jogo você perdeu. Teve um jogo que a gente, por sinal, a final seguinte do Intermunicipal... Um ano eu ganhei, no ano seguinte a gente perdeu na final. A gente foi segundo lugar. E aí a Pulga tava apitando, em Sobral, que ela era do quadro daqui e aí teve um lance que foi uma falta. Faltava um minuto pra ter o... pra acabar o jogo. Tava dois a dois o jogo. Faltava *um minuto* pra acabar o jogo, era dois lances, tiro indireto, a menina fez a barreira, aí a menina chutou... Diz a Pulga que pegou na chuteira da menina e entrou e ela deu o gol. Eu digo: “Não, não pegou!”. Fiquei louca na hora, quis morrer na hora, né? Mas assim, deu, tá dado, né? Aí beleza. Aí a menina disse: “Não pegou, não pegou!” Cara, com o sangue quente, você não vai sentir nunca que pegou, né? Que raspou naquela... Aí pronto. Aí eu fui questionar a ela se tinha pegado mesmo, se ela tinha certeza. Aí ela: “Não, pegou. Pegou! Foi gol e tal, não sei o quê...” Perdi o Campeonato. Mas assim, foi o que eu disse a elas... Já as meninas do time, quiseram, tipo, fazer confusão no fim do jogo... Aí eu chamei as meninas: “A culpa é de vocês que perderam uns duzentos gols na partida. Se tivessem feito os gols que vocês perderam, a gente não teria dependido *desse* específico gol, desse lance”. Então, pra mim, arbitragem não resolve jogo. “Ah, mas o lance ali foi decisivo!” “Mas se eu não tivesse perdido os duzentos gols, não teria perdido”. Então eu sempre tive muito isso. Então eu nunca fui de fazer muita confusão na beira da quadra não. Agora assim, se eu visse alguém, tipo, fazendo uma merda *muito grande*, aí eu

chamava e dizia: “Pelo amor de Deus! Não tem condição, porque...” Tinha coisa que você via tipo... Tinha árbitro, tem árbitro, ainda tem, né, que assim, faz coisa que é absurda, que você fica: “Meu amigo, pelo amor de Deus! Isso não é regra!” Mas... Mais também nunca fui de brincar muito não. Eu brigava mais com as meninas mesmo. Deixa eu me concentrar aqui, porque se eu for me concentrar nos dois, eu não fazia nem um e nem o outro. Aí eu deixava só pro jogo mesmo.

M.L. – Alguém te apoiou nessa decisão de ser árbitra?

F.F. – De me apoiar? Não, meus pais não queriam. Essa minha mãe não queria. “Minha filha, você vão fazer isso pra que? Pra ficarem lhe esculhambando, pra ficarem não sei o quê...” Ela não queria. “Ah, só tem homem. Só homem apita. Você vai ficar indo, viajando, não sei o quê...” Ela não queria. Eu digo: “Mãe, eu vou ficar ouvindo o que o povo vai falar?” Você não faz nada, né? Mas assim, de estímulo mesmo assim, acho que foram as pessoas que eu fui encontrando mesmo, os árbitros que eu fui encontrando e fui apitando assim e fui gostando e fui ficando assim. Mas assim dizer: “Vai, começa a apitar e tal...” A *Pulga!* Eu acho que, eu acho que... Na verdade, eu acho que quem despertou essa questão do árbitro em mim, foi a Pulga, a Adenilda. A Adenilda Pulga. É. É porque eu sou chamo de Pulga. A Adenilda, ela foi uma que olhava pra mim e dizia: “Fernanda, tu tem perfil de árbitra. Vai ser árbitra.” Eu: “Ah, eu não. Vou nada, Pulga. Eu tô como técnica, não sei o quê...” Aí ela: “Não, mas tu tens perfil. Tu vai dar jeito. Olha, eu tô me aposentando. Tu vai ter que ficar e não sei o quê...” Então eu acho que ela foi a minha maior incentivadora. Acho que foi ela.

M.L. – O que a sua família achou dessa tua decisão? E as pessoas mais próximas a você? Fernanda agora deixou de ser atleta, treinadora e vai ser árbitra. Qual a reação?

F.F. – É... Rapaz, é... Eu acho que foi tranquila, assim... Deixa eu recordar aqui. Eu acho que minha mãe continuou dizendo que era loucura, mas também nunca me proibiu. Não ia adiantar muito, porque ela sabia que eu iria. Decidi, já era. Mas foi tranquilo assim... Eu namorava, na época, mas não tinha problema também. Eu nunca tive, assim, uma pessoa pra dizer: “Ah, não. Tá doida e tal. Não vá e tal”. Não, muito pelo contrário, foi fluindo. Foi fluindo como Educação Física, né? Tipo assim, tudo que foi acontecendo na Educação

Física, foi acontecendo na arbitragem. Fui ficando, ficando, ficando e tô até hoje. Dei uma parada, mas voltei [riso].

M.L. – Fernanda, como estava o futsal na época em que você começou sua jornada como árbitra? Havia muitas competições locais, regionais? Como era o cenário do futsal quando você iniciou sua trajetória enquanto árbitra dessa modalidade?

F.F. – Quando eu comecei como árbitra, é... Sobral já tinha o Campeonato Sobralense bem organizado e tinha várias equipes; tinham os Jogos Escolares na cidade também, que também era bem organizadinho. A gente tinha um número de competições muito boas, né? Agora, isso no geral, masculino e feminino. Feminino sempre foi *muito pouco*. Por exemplo, em Sobral, só tinha o adulto, não tinham outras categorias. Atualmente, tipo há uns dois anos, eles já abriram e tem sub 17... A última vez que eu falei com o Shaicon, que é o atual Presidente da Liga de lá, ele fez o sub 20, sub 15 e tava tentando abrir um infante. Poxa! Fiquei super feliz, porque não tinha. Na minha época realmente só tinha o adulto. No comecinho da arbitragem peguei uma parte boa ainda do Cearense, porque tinha o Intermunicipal, tinham os Jogos Abertos, que eram os Zonais Estaduais...

M.L. – A nível feminino?

F.F. – A nível feminino, mas aí quando eu já tava saindo da arbitragem, já tava acabando isso também e atualmente não tem. Atualmente não tem. Acredita? Tá com uns cinco anos que não tem mais o Intermunicipal feminino, não tem mais os Jogos Abertos, nem masculino e nem feminino. Eu acho que a única competição que ainda tem feminina é o Campeonato Cearense adulto. Adulto. Só.

M.L. – E o que a motivou a fazer o curso de arbitragem de futsal, além da Pulga, do incentivo dela? Como é que foi esse curso? A duração? Onde foi? Quando?

F.F. – O curso, ele foi em 2005. Eu acho que foi 2005. Tenho quase certeza [riso]. Mas eu te mando a confirmação. O curso foi em 2005, com uma carga horária *bem* extensa. Foram quatro finais de semana assim, sábado e domingo inteiros. O pessoal de Fortaleza, que era da Federação, ia pra Sobral pra poder ministrar o curso. Teve parte teórica, teve parte

prática, teve prova... Foi um curso de carga horária bem... Se eu não me engano, ele foi de 120 horas. Era 100 ou eram 120 horas. Foi um curso mesmo bem extenso, porque além das teóricas, que teve nesses quatro finais de semana, eu ainda tive que vir pra cá fazer os estágios, pra poder apitar mesmo, né? Voltar pra fazer os estágios... Mesmo que eu não fosse querer ficar apitando, mas eu tive que vim, fazer e tal. E foi muito bom.

M.L. – E esse estágio acontecia em quais categorias?

F.F. – Escolar. Eu vim apitar... O meu, pelo menos foi, né? Eu apitei nos Jogos Escolares de Fortaleza que era... Acho que sub 12, sub 15.

M.L. – Gênero?

F.F. – Masculino e feminino.

M.L. – Então foi um curso de final de semana até pra poder agregar pessoas ao curso, né?

F.F. – Isso. Era, porque a gente fazia faculdade e trabalhava na semana, então tinha que ser algo fim de semana pra poder... E era um curso da zona de Sobral, então não era só o pessoal de Sobral vim. [trecho inaudível 25min38seg]. Aquele pessoal próximo também vinha fazer o curso. Teve muita gente na época do curso.

M.L. – Lembra se tinha muitas mulheres nesse curso?

F.F. – *Pouquíssimas*. Ah, poucas. Poucas. E de *árbitra mesmo, árbitra*, eu acredito que na época, tipo, se tivesse umas cem pessoas, tinha vinte mulheres no máximo e das vinte, saíram três árbitras: eu, Aline e a Kesiane. E apitando mesmo, até hoje, só eu. Aí de mesária saiu mais. Saiu a Nívea, que aí eu acho que tá até hoje... Não lembro mais [riso].

M.L. – Teu curso foi em Sobral?

F.F. – Foi.

M.L. – Um percentual bem pequeno de mulheres.

F.F. – É. *Muito!* Eu tô botando vinte por cento assim... Botando assim, muito mesmo. Mas se duvidar, foi menos.

M.L. – E Fernanda, antes de fazer o curso já arbitrava?

F.F. – Não.

M.L. – Não tinha envolvimento nenhum?

F.F. – Não. Os rachas do treino, né? Os rachas do treino eu apitava, mas assim, tipo, bem básico, né? Depois do curso foi que realmente aflorou essa ideia da arbitragem.

M.L. – E esses rachas, eram rachas só femininos que você apitava?

F.F. – Só. Só os femininos, porque era tudo treino, né? Eu ia, apitava o treino, dava o treino com o Rosaldo e aí eu ficava apitando com ele também, né? Então era bem mais tranquilo. Era o racha do treino.

M.L. – Mas começou assim [risos]!

F.F. – Começou assim [risos]. É. Verdade. Olha aí, nem eu tinha me tocado disso, né?

M.L. – Cutucaram o desejo e aí...

F.F. – Saiu o desejo ali, né? Culpa da Adenilda [riso]: “Vai, tu tem jeito”. Eu acreditei que tinha e fui, né?

M.L. – Fernanda, você lembra quando e como foi o teu primeiro jogo enquanto árbitra federada?

F.F. – Eita...

M.L. – Deixou de ser só o treino e aí vamos colocar o escudo no peito, vamos institucionalizar tua mediação de partidas...

F.F. – Assim... Primeiro eu comecei a apitar sem ser federada, porque eu comecei a apitar pela Associação de Sobral. Não era o escudo do Estado, não era o escudo da Federação Cearense, era o escudo Sobralense. Eita, não sei quando não.

M.L. – Mas lembra qual foi à partida? Qual o gênero? Qual categoria?

F.F. – Foi masculino. Foi o masculino e foi categoria de base. Foram os meninos menores, assim... não chegou a ser... Eu acho que deve ter sido, tipo, doze, treze anos, masculino, sub 13. Foram meninos e foi bem tranquilo até. Minha calcinha branca, aquele cintinho branco, sapatinho branco... *Impecáveis!* Passado ferro... Mamãe não gostava da arbitragem, mas passava roupa, né [risos]?

M.L. – Lembra onde foi?

F.F. – No Ginásio de Sobral. No Ginásio Poliesportivo de Sobral. Foi. Eu lembro que eu fui e eu apitei com a Adenilda [riso]. Eu apitei com ela o meu primeiro jogo. Que era o teste pra saber se dava certo. Agora eu não lembro a competição qual era, mas foi tranquilo o jogo. Graças a Deus deu certo. Passei no teste!

M.L. – Fernanda, e aí você adentra no quadro da Federação, mostra um trabalho muito bom e você chega ao quadro nacional... Como foi o teu primeiro jogo enquanto árbitra confederada?

F.F. – Teve a transição, né, porque eu comecei de trás pra frente. Eu comecei apitando é... eu comecei apitando em Federação local, aí depois eu fui para a Federação Maranhense, aí entrei na Confederação Brasileira. Voltei pra Federação Cearense e aí depois voltei pra Confederação de novo, né? Subi e desci, mas o meu *primeiro* jogo como CBFS, foi em São Luís.

M.L. – Lembra a competição?

F.F. – Não, minto. Eu não cheguei a apitar em São Luís. Quando eu recebi o escudo eu vim pra cá. Foi. Eu não cheguei a apitar com ele lá. Meu primeiro jogo foi aqui, aqui em Fortaleza. Foi... Foi um amistoso que teve. É... Foi UNIFOR... Lembro! Meu primeiro jogo pela *Confederação*, não assim, não com o escudo, mas pela *Confederação Brasileira*, meu primeiro jogo foi UNIFOR e o time de Amazonas, pela Taça Brasil feminina.

M.L. – Lembra a faixa etária?

F.F. – Adulto. Foi. Meu primeiro jogo *oficial* que foi aqui em Fortaleza. Foi muito legal. *Nossa!* Foi aquele frio na barriga...

M.L. – Lembra o nome do ginásio?

F.F. – Ginásio da UNIFOR. Foi no Ginásio da UNIFOR, ano passado.

M.L. – E aí? Como é que foi esse turbilhão de sensações?

F.F. – *Caramba! Foi incrível!* Eu apitei com a Patrícia. Foram nós duas pra apitar. Era o jogo semifinal, era o segundo jogo da semifinal que a UNIFOR tava jogando em casa e tinha que ganhar o jogo. Foi *um jogoço!* Foi muito bom, assim... Graças a Deus a nossa arbitragem foi tranquila. A gente... Não saímos assim, escoltadas, então foi bom, né? Mas foi *muito bom*. Fiquei *super nervosa*, porque era o meu primeiro jogo *oficial* pela Confederação. Ainda tem aquela coisa que você tem que chegar toda no traje, toda no terno e não sei o quê... E eu: “Eita!” Você já entra diferente, assim, você já entra no *clima*, mas foi muito legal. Foi assim, uma sensação que assim... confirma porque a gente gosta de estar aqui. Foi muito bom. Agora, com o escudo mesmo, eu acho... Eu comecei a apitar os Campeonatos Cearenses com o escudo CBFS, que aí foram as categorias de base que é o que eu mais apito aqui mesmo. Que também foi muito... Quando você bota o escudo dá aquele, né, tipo: “*Caramba!*” E é até engraçado porque - eu até comentei em casa - porque quando eu fiz o curso e eu comecei a apitar - que eu apitava só na Federação - e eu já conhecia Alane, conhecia Adenilda... E eu ficava: “*Caracas! Eu vou chegar a FIFA³ e tal!*”. Eu ansiava aquilo. Novinha, treinando... Só que aí nunca... Não foi pra frente, porque eu

não vinha pra Fortaleza, pra poder entrar no quadro da Federação e ir subindo, é? E aí, passou. E eu tive essa vontade, na época. Passou. E aí, agora, em outra Faculdade, que nem tinha mais essa vontade, que eu já tava em outra... Tô em outra faculdade... Quando eu voltei pro Maranhão que eu tive a oportunidade de virar CBFS, eu fiquei: “*Caramba! Eu não acredito!*” Anos depois que eu nem almejava mais, virei CBFS.

M.L. – Volta ao quadro? Você já esteve no quadro por um período?

F.F. – Não. Primeira vez que eu sou CBFS. CBFS é a primeira vez. Eu almejava, naquela época. Só que quando eu almejava, eu não vinha pra Fortaleza pra poder trabalhar pelo quadro. Não ia chegar ao quadro nunca!

M.L. – A instituição não teria como te indicar, já que não conhecia o teu trabalho.

F.F. – Exatamente! Eu não ia chegar ao quadro nunca, porque eu não apitava aqui em Fortaleza. Então eu almejava, mas eu sabia que era impossível. E aí, quando eu fui pro Maranhão, que eu comecei a apitar e surgiu à oportunidade de eu virar CBFS *tão fácil*, tipo assim, pra mim foi muito fácil, porque... “*Caramba! Passei um ano apitando... Vou para o quadro*”. O que antes, pra mim, era algo almejado e super difícil, né? É por isso que as coisas não são em nosso tempo, né? Quando tem que dar certo, dá certo!

M.L. – Então assim, apitar uma competição, na tua casa, com o escudo nacional...

F.F. – Foi emocionante. Foi muito emocionante e logo em seguida, depois que teve esse jogo, que foi uma semifinal, que foi um jogão, que foi *casa lotada*, TV transmitindo... *Caracas!* Foi assim... Liguei pro meu pai: “Pai, assiste o jogo!” Eu: “*Caracas!*” E depois pra apitar o jogo da Seleção Brasileira, que aí também foi... Tipo... Jogos que seriam pra FIFA, né? A gente poder... Eu e a Patrícia, a gente poder apitar... Que foi o amistoso internacional Brasil e Argentina que a gente apitou aqui. “*Caramba!*” Também foi outra experiência assim, *incrível!* Que também eu nem... Nem almejava mais e... e apareceu.

M.L. – Você está no quadro e apitar um jogo da tua Seleção Nacional é...

³ Federação Internacional de Futebol.

F.F. – *Porra!*

M.L. – É algo de muito poucas terem esse privilégio, né?

F.F. – Pois é e eu fico: “Caramba! Eu almejei *tanto* isso naquela época! [riso]” E eu tinha já abandonando esse sonho, assim: “Não, isso não é pra mim. Não vai dar certo...” Já tinha deixado de lado e aí voltou com tudo, né?

M.L. – Por que, via de regra, só apita jogos de Seleção quem é FIFA, né?

F.F. – Quem é FIFA.

M.L. – A gente que é nacional...

F.F. – Nunca apita, mas aí esse, como era um amistoso e aí a Confederação tá cada vez com redução de custo, né? Vai pegando os árbitros locais mesmo e aí veio essa oportunidade assim...

M.L. – Um presente?

F.F. – Um presente. Literalmente foi um presente pra mim e pra Patrícia.

M.L. – Qual foi à sensação de estar mediando um jogo, um clássico Sul-Americano, Brasil e Argentina, adulto feminino, na tua casa? Se tivesse como descrever esse momento, como é que você iria categorizá-lo ou defini-lo?

F.F. – Foi *indescritível*. Acho que essa é a palavra. Assim, *foi incrível*. Foi incrível o momento. A emoção de tá ali, sabe? De você ver, assim, tudo o que você já fez como educadora física, como treinadora [riso], como árbitra e você chegar ali, naquele momento. Aquele momento ali é como se fosse à cereja do bolo. Foi um momento incrível, incrível.

M.L. – Fernanda, quais foram os principais jogos que você já arbitrou, além desses que você acabou de relatar?

F.F. – Esses foram um dos mais *best*, assim [riso]...

M.L. – Além desses dois, que foram jogos muito marcantes em tua trajetória, você teria outros jogos que pudesse citar como partidas marcantes, sejam elas masculinas ou femininas?

F.F. – [pensativa] Teve assim, por exemplo, eu adoro apitar categorias de base daqui e já teve jogos assim, *incríveis!* Categoria sub 11... Ano passado eu apitei a final tanto do sub 9 como do sub 11, do Campeonato Cearense, né? A final sub 11 foi linda, assim, *jogoço!* Foram... Prorrogação, pênalti... Foi um negócio assim, *incrível*. Foi um jogo muito bom e graças a Deus a arbitragem saiu tranquila, então você sai satisfeita quando sai assim... Claro! Tirando um pai ou outro enchendo o saco, mas faz parte, né? Porque aí quando você é mulher, piora né? Porque aí tem dois árbitros, era eu e um homem, aí eles ficam buzinando no meu ouvido. Eu digo: “Meu amigo, vá buzinar ali do outro lado. *Me esquece*”. Mas... Tem hora que eu faço ouvido de mercador, porque senão você não consegue levar, né? Mas assim, marcante mesmo, acho que esses dois. Teve um que também pra mim foi uma satisfação enorme. Eu apitei a final do sub 15, a final do sub 15, feminino, dos Jogos Escolares Norte/Nordeste, que foi ano passado também, que foi muito legal. Apitei do Norte/Nordeste e apitei o sub 15 do Brasileiro, que foi em Natal, que também foi incrível assim... Final entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul. Foi um *jogão*, assim, muito bom. As meninas num nível bacana demais, pra nível escolar, foi um *jogoço*. Assim, foi muito bom.

M.L. – Até porque estar numa final é um prêmio que qualquer árbitro almeja.

F.F. – É. Você vai ali trabalhando durante a competição pra você almejar ali uma final. Então pra mim foi maravilhoso.

M.L. – Uma final, a nível nacional...

F.F. – Foi gostoso, foi prazeroso estar lá. Foi muito bom.

M.L. – Fernanda, como é a condução de uma partida de futsal quando o jogo é masculino e quando ele é feminino? Há alguma diferença nessa tua condução com relação a ser masculino ou feminino?

F.F. – Há. Tem. Eu acho que quando o jogo é masculino a gente tem que... A gente tem que tentar se impor um pouco mais. Eu acho que... Ainda mais eu que tenho cara de menina ainda, de novinha. Eu acho que aí é que eu... Tipo, no masculino, eu tento ficar mais séria, eu tento ficar mais... Cortar mais, assim, o assunto, tem que ser mais ríspida, porque se você não for ríspida, eles acabam querendo ir pra cima, né? E aí, infelizmente, pra não acontecer o que aconteceu com a nossa colega de Parnaíba, né? Que o cara veio pra cima mesmo e... Eu, por exemplo, se tiver uma confusão... Tipo assim: eu vou dar cartão, eu dou o cartão a uns dez metros de distância; quando tem confusão, eu vou pro outro lado da quadra. Não tem nem perigo de eu separar. Eu? Vão se matar! Eu não chego nem perto, porque... Eu saio, para ter certeza, porque geralmente os meninos entram no meio, separam, mete a mão ali, né, e tal... Eu digo muito, eu digo: “Se começar a confusão, eu vou pro outro lado”. Não fico nem perto, porque... A força física, homem e mulher, ela é diferente; isso é composição natural, genético. Não quero levar murro de uma mulher, imagine de um homem, né? Então... então assim, eu acabo me fechando mais. No feminino, eu já vou mais suave e as próprias meninas, assim, elas falam que quando a arbitragem é feminina, elas gostam mais, porque a gente sabe levar mais o jogo. É uma coisa mais suave, né? Os meninos acabam ficando muito... Eu acho que talvez os meninos pensem assim da gente [riso], né? Mas eu já cheguei a entrar em quadra e ouvir comentário, tipo: “Ah, é uma mulher que vai apitar? Mulher sabe apitar? Não sei o quê...” Dos atletas! Principalmente quanto maior a categoria, né, pior. Por isso que eu digo, se a gente começar a aparecer mais nas categorias de base e for acostumando esses meninos, a gente vai ter mais espaço, mas infelizmente ainda tem *muito* pouco mulher, pouca mulher ainda na arbitragem.

M.L. – Fernanda, você parou de arbitrar em algum momento dessa sua trajetória enquanto árbitra?

F.F. – Parei. Parei.

M.L. – Poderia dizer por quê?

F.F. – Parei por, tipo, eu parei um tempo, porque eu apitava só pela local e aí acabou que eu fui me distanciando, mudou a coordenação de arbitragem local e aí tínhamos... Como é que eu posso dizer? A gente tinha pensamentos diferentes, né? Tipo assim, de organização, de... Já de encontro os, os... Não é nem pensamento, eram opiniões, né? E aí eu parei, parei um bom tempo. Parei uns quatro anos.

M.L. – Saberá precisar esse período de sua parada?

F.F. – Acho que eu parei de 2009 até 2013. 2013, mais ou menos. 2009, 2010, até 2013 eu parei total. Aí entrei pra Medicina, em 2013. Aí em 2014, voltei a apitar.

M.L. – E além dessa tua parada, nesse período que você especificou agora, existiu algum outro problema que atrapalhou seu trabalho de arbitragem, que a fez parar?

F.F. – Não. Não. Foi mais isso mesmo é... A questão de, de... Comecei a não me dar tão bem com o pessoal da Federação local e aí fui deixando e... E trabalhando muito em outras coisas, comecei a dar aula em universidade e aí o horário começou também a ficar mais apertado e aí... fui deixando passar.

M.L. – Fernanda, além da arbitragem, você hoje tem algum outro envolvimento com o esporte?

F.F. – Só como atleta [riso]. Ainda me mantenho como atleta da faculdade, do curso de Medicina. Atleta de futsal. Na verdade, na verdade assim, atualmente eu jogo tudo, porque quando a gente vai pras competições... Existe uma competição nacional, nacional não, estadual, e Norte/Nordeste que são das faculdades de Medicina, que são os jogos só das faculdades de Medicina. Que foi uma das coisas que eu dei o pontapé pra criar também. De criar as atléticas dentro do curso de Medicina. Eu criei a atlética de minha faculdade. Assim, quem gosta de esporte tá na veia, né? E aí eu jogo pela faculdade, mas assim, pela faculdade, pelo curso de Medicina; eu não jogo mais Universitários.

M.L. – Posição?

F.F. – No futsal eu jogo de fixa. Agora, na Medicina, eu jogo vôlei, eu jogo basquete, jogo hand, jogo futsal... A gente tem que jogar tudo, porque é poucas meninas pra jogar tudo [riso]. Nado, tem que nadar, tem que jogar... já joguei sinuca; só não jogo tênis de mesa, porque esse... Graças a Deus já tem menina pra jogar, porque eu sou um zero a esquerda em tênis de mesa. A nossa competição tem: futsal, basquete, handebol, vôlei, tênis de mesa, sinuca, póker, truco e vôlei de areia. Vôlei de areia também nunca precisaram de mim, graças a Deus. Eu só completo o vôlei, mas eu sou banco no vôlei. Eu já disse que vôlei pra mim, não... Eu sou uma... Eu só cumpro tabela mesmo. Se tiver faltando uma, pra não dar o WXO⁴: “Tô eu aqui. Vamos! Vai! [riso]” Mas assim, atualmente eu to só mais no futsal e no handebol mesmo.

M.L. – Além de você ser árbitra, de estar hoje como graduanda em Medicina, você tem alguma outra ocupação?

F.F. – Não, não dá. Na verdade eu voltei pra arbitragem, porque era o único meio de trabalho que eu poderia ter dentro da Medicina, porque aí era algo que eu poderia conciliar, tipo: “Ah, tô disponível, não tô disponível... Da pra ir... Então beleza”, porque outros eu não... Não tem como conciliar.

M.L. – Hoje você já assume plantões médicos, já...

F.F. – *Já!* Já tô no internato. Então a gente tem plantão, tem prescrição, fim de semana, tem noite... Às vezes, eu passo dois finais de semana sem poder apitar por... *Na semana é quase impossível.* Acho que eu nunca apitei aqui na semana. Quando me ligam pra viajar pela Confederação... *Rapaz! É todo um remanejamento de plantão, prescrição...* Porque assim, como eu já tô na parte pratica... Os dois últimos anos do curso é totalmente pratico. Então é totalmente dentro dos hospitais. Eu nem piso mais na faculdade. Então assim, quando ele... Agora vou pro, eu fui convocada pro... pra Taça Brasil sub 15, que vão ser só mulheres que vão apitar. Eu fiquei tão lisonjeada com o convite... que eu nem ia, porque é a semana

inteira. Mas assim, a causa de convocar *só mulheres* pra essa competição *masculina*, *quase* um adulto já masculino, eu achei tão incrível que eu: “Não! Eu vou dar um jeito”. Rapaz, mas eu tô quebrando a cabeça pra conseguir esse negócio, mas vaio dar certo.

M.L. – Patrícia falou ontem sobre essa competição no Pernambuco, que Luís Cláudio só quer mulher.

F.F. – Só quer não, só vão mulheres. Todas são mulheres. Tem... Acho que são dez ou doze. É uma competição em Pernambuco. Não sei nem onde é direito, mas eu vou.

M.L. – Luís Cláudio, ele é um dos dirigentes que tem, pela arbitragem feminina, um carinho, uma visão muito diferenciada.

F.F. – Ele respeita a arbitragem feminina. Isso é verdade. Ele sempre leva, ele sempre põe as meninas dele ali. Tentando assim... Realmente ele tem um respeito. Essa é a palavra certa mesmo.

M.L. – Fernanda, como é a tua rotina nesse teu corre-corre? Como é que você se organiza para arbitrar e conciliar com a tua carreira enquanto médica?

F.F. – Aí é como eu tô te falando. É difícil. Mas assim, minha carreira de árbitra fica pros fins de semana, quando eu não tenho plantão. Na semana é impossível. Na semana, a única coisa que eu faço pela arbitragem, é treinar meu treino físico, a minha academia, o meu funcional, que eu ainda fico tentando, às vezes, dá um, dá o outro, às vezes, não dá pra ir. Mas assim, ainda vou três dias, não consigo ir os quatro...

M.L. – Então arbitragem, só final de semana, quando dá?

F.F. – É. Arbitragem fica pro fim de semana, quando dá, porque a rotina da faculdade já é *bem puxada* e quando eu vou arbitrar, eu tenho que pagar de noite, porque quando eu

⁴ Sigla que a palavra em inglês walkover, que traduzido para a língua portuguesa significa “vitória fácil”. É a atribuição de uma vitória dada a determinada equipe ou competidor individual quando a equipe adversária está impossibilitada de competir ou quando não existem adversários.

chego, eu vou ter que botar meus estudos em dia [riso]. É bem puxado, mas a gente gosta e dá certo.

M.L. – E o treinamento físico? Você disse que faz o funcional, faz... Como é que você faz esse jogo de cintura?

F.F. – É literalmente um jogo de cintura. Tipo... Eu gosto de fazer um funcional na praia. Aí quando não dá... Só que ele é tipo de seis às sete da noite. Quando não dá tempo eu ir nele... Quando eu saio do plantão, tipo, saio do hospital cedo, depende do meu rodízio. Esse mês o meu rodízio tá tranquilo, então eu tô conseguindo ir seis horas pra praia, mas, por exemplo, mês que vem, o meu rodízio só acaba sete e meia da noite, então aí eu já vou ter que ir ou pra uma academia ou começar mais cedo, antes de sair de casa... É assim, todo mês é um remelexo novo.

M.L. – E faz algum trabalho específico voltado apenas para a arbitragem?

F.F. – Assim... Não, eu faço geral, na verdade. Eu trabalho muito específico a questão dos tiros, né? Eu gosto sempre de fazer, tipo, aeróbico com anaeróbico, dando uns tiros e tal, que é o que a gente faz muito na arbitragem do futsal.

M.L. – E esse agregar dessas duas rotinas, mudou ao longo de tua trajetória enquanto árbitra? Foi sempre esse jogo de cintura?

F.F. – Foi sempre assim. Foi sempre assim. Sempre. Até mesmo na época que eu comecei, porque eu trabalhava, porque a arbitragem nunca foi meu meio de trabalho, né? Nunca dependi da arbitragem pra pagar minhas contas, porque senão... acho que eu tinha passado fome, né? Infelizmente. Que também é outra coisa que infelizmente a arbitragem *do futsal*... É por isso que eu digo, as meninas que têm vocação pra o futebol, vá pro futebol, porque lá você vai ser *muito* mais bem recompensada financeiramente. É... O futsal, a gente sabe que... Quando você vai pra uma competição da *Confederação Brasileira*, você recebe um valor... ínfimo. Se você for comparar com um jogo que o cara do futebol faz, que a menina bandeirinha do futebol faz, então, infelizmente a gente ainda tem *muito* o quê

melhorar no futsal com relação a financeiro. Então assim, o futsal sempre foi... Primeiro era meus horários de trabalho, e aí: “Dá tempo encaixar o futsal?” Encaixa o futsal.

M.L. – Porque o futsal, na realidade, é uma função e não uma profissão, né?

F.F. – *Exatamente*. Arbitragem sempre foi algo, tipo: “Dá pra ir? Dá. Beleza! Ah, não. Vou ter que ir trabalhar”. Então vamos trabalhar pra ganhar dinheiro e pagar as contas, né? É que nem a faculdade. Eu tenho que fazer a faculdade. Não dá para abrir mão pelo futsal.

M.L. – Você faz cursos de atualização de arbitragem de futsal?

F.F. – Faço. Sempre gosto de tá participando das reuniões que... De vez em quando eles trazem um profissional pra tá falando; às vezes, nem sempre. Às vezes, é um pouco monótona, mas...

M.L. – E a periodicidade desta tua atualização?

F.F. – Pelo menos umas duas vezes por ano, porque eu gosto de ir sempre pro Nacional e pro Norte/Nordeste. Eu tento ir sempre pros congressos, né? Que é onde tem a concentração maior das informações. Eu tento... Esse ano eu só fui pro... Ano passado eu fui pros dois. Esse ano eu fui só pro Norte/ Nordeste.

M.L. – E a nível de federação?

F.F. – A Federação é mensalmente. Mensalmente a gente tem uma reunião, mas educativo mesmo... são entre dois, três meses que eles fazem um. Que aí chamam um profissional pra fazer alguma palestra, alguma coisa... Eu sempre tô presente, porque é *fim de semana*.

M.L. – E a tua forma de arbitrar, de conduzir as partidas, de mediá-las, mudou ao longo desse teu tempo de exercício de arbitragem?

F.F. – Ah, *mudou*. Até porque o futsal foi ficando muito mais *dinâmico*, né? Mudou *muito*. Futsal foi ficando mais rápido, foi ficando... Hoje em dia... Antes era... Eu digo, antes você

tinha aquela coisa fixa. Você tinha o fixo, você tinha o ala, você tinha o pivô. Hoje em dia, não. Hoje em dia você tem um atleta de futsal... Os caras tão ali. É muito mais rápido. As trocas, né? Hoje... Antigamente, quando você substituía um, era... Metade do segundo tempo você substituía um atleta. Hoje em dia, tá com cinco minutos, o cara tira os quatro e bota quatro, né? Então a dinâmica... A gente tem que renovar o olho, a rapidez. Eu acho que mudou muito. Aprimorou muito. E claro! Eu acho que a experiência traz pra gente o *feeling* que no começo a gente não tem, né? Alane até brincava comigo, falava que era o... “Você não usou o *fair play*”⁵ [riso]”. Eu expulsei uma menina lá e ela: “Oh, Fernanda, você não usou o *fair play*. Você tinha dado o amarelo...” Eu: “Mas Alane, foi um pontapé”. “Mas não pegou” [riso]. Uma coisa que a experiência vem e você vai... Você vai vendo que, tipo assim, a gente tem que cumprir a regra, mas a gente tem que saber também levar a regra. Tem que ter a regra debaixo do braço, porque, às vezes, se você for fazer, tal e qual tá na regra, você acaba complicando o seu jogo. E é isso que você vai aprendendo com o tempo, né? No começo, assim que você começa, você quer fazer tudo bonitinho, mas aí... Ah, *mudei*. Eu acredito que eu mudei bastante. Acho que melhorei [riso], né?

M.L. – Saberíamos dizer qual foi a tua principal mudança nessa condução?

F.F. – Eu acho que a paciência. Eu acho que a paciência. Você aprende a ser mais paciente, a esperar mais o lance, dar a vantagem, né? Você espere, você vai, você... Eu acho que a paciência de dentro do jogo. O olhar. Eu acho que foi o que mais mudou.

M.L. – As pessoas comentaram essa sua mudança? Há comentários externos? Qual avaliação dessa mudança?

F.F. – Eu acho que não, porque é como eu te falei, eu comecei apitando... Eu não apitava aqui. Aí eu parei. Quando eu voltei, as pessoas já me conheceram agora, já com esse olhar diferente, então... Não tem muito esse comentário do pessoal, porque na Federação Cearense eles só me conhecem há dois anos. Foi exatamente os dois anos que eu estou com o CBFS.

M.L. – Mas a tua auto-avaliação, a Fernanda de antes e a de agora? Melhorou?

⁵ Significa jogo justo, jogar limpo, ter espírito esportivo.

F.F. – *Muito*. Melhorou *muito*. *Nossa!* Assim, melhorei muito essa questão do *feeling*, da rapidez de pegar o lance, de interpretação também. E os cursos que a gente vai fazendo também, a gente vai... E a convivência com as outras arbitragens, com os outros árbitros. Eu acho que essas viagens que eu faço com a Confederação, essa troca de experiência que você faz... *Nossa!* Ajuda muito. Você ver os meninos apitando, você vê o cara do sul apitando, você ver o cara do norte, você ver o cara de São Paulo, você vê o cara do Amazonas, a menina lá... Aí você começa a crescer mesmo, né? Porque você vai... Eu acho que você aprende muito com essa troca de experiência. Mesmo fora de quadra a gente aprende muito.

M.L. – É como você falou no início da entrevista, até o assistir do jogo já é um aprendizado, né?

F.F. – Muito. Muito. Muito. Com certeza! Eu adoro. Quando tem aqui os... Por isso que quando tem aqui os... Quando já tá na fase classificatória e que tem os meninos que, por exemplo... Eu adoro ver o Marquinhos apitando, porque apita adulto. Ele é um cara que eu assisto e que eu aprendo. Vejo ele: “*Caramba!*” Como é que ele fez? Esse lance, como foi que ele conduziu e tal... Eu gosto.

M.L. – A experiência do outro como...

F.F. – Com certeza! Ele tem trinta anos de Federação [riso], então, ajuda muito.

M.L. – Você sabe me dizer se ao longo dessa sua estadia no quadro nacional, você sente que houve alguma mudança com relação à organização da própria instituição, com relação à arbitragem feminina?

F.F. – Rapaz, pelo contrário. O que eu vejo é que diminuiu bastante, né? Que antes as meninas viajavam muito mais. Tinham *muito* mais competições a nível CBFS e diminuiriam muito e... Assim, não sei te dizer se melhorou muita coisa, sabe? Por exemplo, eu posso falar que é um avanço essa competição sub 15, Taça Brasil sub 15, que vai ser apitada só por mulheres, porque não ia nenhuma mulher. *Toda* a convocação pra sub 15, sub 17, sub 20, essas Taças Brasil que tem adulto, são só homens. Aqui, acolá, se

chamaram uma mulher, eu nunca vi. Nunca chamaram árbitra, apenas anotadoras e/ou cronometristas. Mas de árbitra, eu nunca vi. A gente aqui do Ceará nunca foi chamada. Eu assisto as Taças, que quando passa na TV, eu assisto, e eu nunca vi mulher apitando. E essa vai ser a primeira vez que vai ter mulher apitando e vai ser em tudo. Então eu acho que isso é algo... Eu pretendo encarar como sendo uma grande mudança e novo perfil da Confederação.

M.L. – Fernanda, com a normatização do acesso de árbitras a quadra de jogo, que aconteceu na década de 2000, passando a conduzir as partidas, não apenas sendo anotadoras e/ou cronometristas, você acha que mudou alguma coisa no cenário do futsal nordestino e brasileiro? Essa inserção da mulher, na quadra de jogo, mediando às partidas?

F.F. – Eu acho que já mudou, mudou muito. Eu acho que em 2002, quando começou, eu acho que o preconceito era *muito maior* do que o que é hoje. Hoje a gente vê... Os meninos respeitam muito mais, né? Claro que ainda tem aqueles comentários, ainda tem um ou outro que vai ficar, tipo... É... Que vai ficar fazendo aquele comentário: “Ah, vai ser uma mulher que vai apitar e tal?” Sempre vai ter, mas já tem vários outros assim, eu recebo elogio de vários homens, tipo assim: “Ah! Massa! Sua arbitragem foi legal e tal”. “Ah, bacana, vai ser você que vai apitar e tal?” Acho que mudou muito, né? A gente tá nessa transição de respeito, de respeitar a mulher, então... A gente vai conseguir chegar lá, né? Mas é claro que ainda existe muito preconceito. Quando entra a mulher pra apitar, você fica logo... Quando eles vão gritar com alguém, se tiver um homem e uma mulher apitando, é óbvio que eles vão gritar em cima da mulher. Claro! *Primeiro* vai ser com a mulher. Eu fui apitar [riso]... Eu fui apitar um jogo um dia desses, sub 17, e aí tava eu e um colega apitando. O colega *deu* a falta. *Ele* deu a falta, *ele!* *Ele* apitou a falta, *ele* foi lá marcou a falta, eu só fiz virar de lado, fui tipo, fui pro fundo, aí vem três do time, assim: “Mas você não vai dar o cartão amarelo?” E eu: “Meu amigo, foi *ele* quem deu a falta. Peça o cartão amarelo pra ele”. Mas eles vêm pra gente, porque o primeiro pra reclamar tem que ser em cima da mulher. Eu até comecei a achar graça. Eu digo: “Tá pedindo pra mim? Quem deu a falta foi ele”. “Ah, é, foi mesmo, não sei o quê... Mas a senhora pode dar também!” Eu digo: “Mas vá lá pedir pra ele, vá. Se ele disser que é pra dar, eu dou”. Aí o cara começou a rir. Aí eu digo: “Pô”. Aí eu olhei pro meu colega e disse: “Dê o cartão amarelo. Dê, que ele tá pedindo”. Aí [riso]... Mas é porque é uma coisa que a gente vai

lidando, mas eu acho que já melhorou muito, viu? Já vi, tipo, vi mulheres apitando... Alane apitava aqui o adulto e a galera *super* respeitava, mas claro que tem... A gente, tipo, o árbitro tem que conquistar o respeito dos atletas. As mulheres têm que conquistar dobrado, porque tem que conquistar o respeito pra dizer que ela é mulher e árbitra, né? Então... Tem que se esforçar três vezes mais pra poder dar certo.

M.L. – Fernanda, como é a tua relação com a Federação Cearense e também com a Confederação?

F.F. – Com a Federação Cearense eu tenho uma boa relação. Me aceitaram, tive portas abertas quando eu voltei a morar em Fortaleza e fui lá entregar meu diploma e dizer: “Olha, eu tenho o curso daqui, nunca apitei pela Federação, mas eu queria apitar. Tô morando em Fortaleza e agora dá”. E aí eles foram totalmente, foram totalmente abertos assim, aceitaram, já comecei a entrar nas reuniões e comecei a apitar. Tenho essas divergências de pensamento com relação à Coordenação *de Arbitragem*; eu não tenho assim... Com a Federação o meu relacionamento é muito bom, mas com relação à *Coordenação de Arbitragem*, eu ainda tenho alguns entraves tipo assim, a gente não apita adulto, a gente não apita sub 20, a gente não apita sub 17. Quando bota é um ou outro joguinho perdido, é aquele jogo que não vale mais nada, entendeu? E... A própria escala mesmo, eu já cans... Tipo assim, ah... A questão da, do reconhecimento financeiro, que não tem muita diferença, é tudo a mesma coisa, mas eu me dou muito bem com a Federação. E com a Confederação também. Apesar do pouco contato, mas acho que tá bom. Tá tendo umas competições, me chamam, tô tentando... Pelo menos eu tento ir sempre as que eu sou chamada. Acho que só teve uma que eu disse que realmente não dava, porque aí era viagem longa e aí não dá. Muitos! *Uma semana inteira!* Eu só vou pra essa agora, porque enfim... A *causa* é muito nobre, mas se não fosse, eu ia dizer: “Não, não dá!” Se fosse uma competição normal, homens e mulheres, eu dizer: “Não, não dá não!”

M.L. – Com relação a sua relação com as outras árbitras da Federação e da própria Confederação, como é que ela acontece, como ela se dá?

F.F. – Ah, é maravilhoso! *Nossa!* Quando eu encontro as meninas da Confederação... Da Federação Cearense, são amigas mesmo. A gente fez um grupo das mulheres, já que são

tão poucas, né? Um grupo das mulheres. A gente tem oito aqui no Ceará: três árbitras e cinco anotadoras. Proporção pequena, né? E no nacional, assim, cada viagem que eu vou, que eu conheço um monte de meninas [riso], das árbitras: “Ah, vamos trocar contato. Vamos fazer grupo. Vamos manter contato e... E permanece, né? Porque é muito legal. São amizades que... É como eu falo, o futsal, a melhor parte, são as amizades que a gente vai fazendo.

M.L. – O quadro local, vocês criaram um grupo específico só de vocês, das mulheres?

F.F. – Foi, mas não é pra falar de arbitragem. É um grupo nosso mesmo, de vida pessoal. A gente fez um grupo das mulheres da arbitragem, mas a gente fala de coisas pessoais mesmo, tipo, é pra gente combinar pra sair, pra conversar, pra jantar... É um grupo para atividades extra quadra. A amizade começou na quadra, mas o grupo é extra quadra.

M.L. – E ao longo da sua trajetória, você acha que já recebeu algum tratamento diferenciado por ser árbitra e ser mulher?

F.F. – *Sim! Claro!* É... Não tem jeito. É aquela coisa que fica, tipo: “Não, você não vai apitar esse jogo, porque você é mulher. Esse jogo vai ser muito difícil”. Ou então: “*Não, nossa! Você é muito novinha, mulher... Não. Vou botar você para apitar esse jogo das meninas aqui, porque esse jogo é mais fácil e tal*”. Ou de menosprezar o jogo feminino mesmo: “Não, bota pra apitar o feminino. O feminino é mais tranquilo...” E, às vezes, nem é. Futsal feminino, hoje em dia, tá pior do que o futsal masculino. Nossa! Tem jogo feminino aqui que você... Quer arrancar... As mulheres querem se matar [riso]. Então é... Sempre acontece, mas eu acho que melhorou bastante. Eu acho que do último ano, deu uma melhorada assim... É como eu tô falando, tá evoluindo, né? Essa questão da mulher tá sendo em tudo, não é só no futsal, mas já ouvi várias vezes.

M.L. – Isso a nível de Federação?

F.F. – A diferença é tão gritante que a competição... A gente tem um *Campeonato Cearense* de futsal. A categoria feminina é a mais barata. O *adulto*, pra você ter ideia, o adulto masculino é cento e cinquenta. Você ganha... Acho que é cento e cinquenta ou é

mais, acho que subiu esse ano. O feminino é trinta. Pra você ter ideia da discrepância que é e quando você vai questionar: “Não, mas é porque os times femininos não pagam inscrição, não pagam no sei o quê, não tem dinheiro pra botar as meninas pra jogar”. E realmente não tem. Os times femininos não têm estrutura. Os times masculinos têm estrutura, pagam os atletas, pagam inscrição, pagam a taxa de arbitragem e tal. O feminino não tem.

M.L. – Têm patrocínio...

F.F. – Tem patrocínio e tal. Os caros têm... E o feminino não tem.

M.L. – E a nível de Confederação, você percebe essa diferença?

F.F. – Percebo. A Taça Brasil tá quase acabando, a feminino adulto. O time do UNIFOR já não foi esse ano, já não tem mais *nenhum* representante nordestino. Era o único que ainda tinha, entre os vários estados. Meninas com potencial altíssimo e não, não tem. A gente não consegue ter no *futebol feminino* que rola bem mais dinheiro. Não consegue ter feminino. Infelizmente ainda tamo longe, ainda, mas... mas eu acho que tem muita gente brigando por isso. Vai, vai dar certo.

M.L. – E em relação aos dirigentes, comissões técnicas, aos jogadores ou jogadoras, percebe essa diferenciação por você ser árbitra?

F.F. – Assim... Quando eu cheguei, que eu comecei a apitar, eu sentia mais uma desconfiança. “Vixe, quem é essa menina e tal?” “Ela vai dar conta do jogo? Será que vai dar conta do jogo e tal?” Mas atualmente eu acho que quando se vai começando a mostrar seu trabalho, começando a conhecer o seu trabalho... Melhorou bastante.

M.L. – E jogadores e jogadoras, também esse...

F.F. – Eu, graças a Deus, nunca cheguei a ter problema de agressão de jogador, de... Eu acho que teve um jogo que teve um menino que era sub 15, que quis partir pra cima de mim. Ele terminou o jogo, eles perderam. Perderam porque perderam mesmo e aí terminou

o jogo e ele quis vir pra cima... Aí eu dei três passinhos para trás e só fiz dizer: “Olhe, não venha, porque se não a gente sai daqui direto para a Delegacia”. Não interessa se é menor, se é maior... E aí eu dei três passinhos e fiz assim... Mas aí ele veio só falando mesmo. Ele nem chegou a demonstrar que iria fazer algum tipo de agressão, mas também acho que foi o único episódio que teve de... de mais assim, mais exaltado.

M.L. – Chegou a haver agressão verbal?

F.F. – Não. Ele ficou mais reclamando assim, tipo: “Você viu o que você fez?” Foi mais assim, nesse tom de reclamação, não foi tipo: “Ah, sua filha da...” Não. Não. Graças a Deus, esses dois anos que eu tô aqui com o escudo da Confederação... Escuto muito: “Sua filha não sei da onde, sua fi...” ”Ladrone”. Dos pais da categoria de base. *Nossa!* Eu já tive que parar jogo pra tirar uma mãe de quadra, porque ela meteu um grito da arquibancada: “Sua rapariiiiiiiiga!” Que o ginásio tremeu. Eu parei o jogo [riso]... Eu digo: “Não. Aí agora foi demais!” Que quando eles vão falando, eu nem... Vou fazendo ouvido de mercador, vou passando, mas tem hora que não dá, né? A mulher meteu um grito de rapariga na quadra que ecoou, né? Eu parei. Eu digo: “Olha...” Eu chamei o Delegado e nem fui lá. Chamei o Delegado e disse: “Olha, eu só recomeço o jogo se aquela senhora sair do ginásio”. Cadê ela querer sair. “Se ela não sair, a gente fica aqui, dou o fim do jogo, assina aqui. Pronto”. Aí foi que o filho, o filho... Ô cara, olha a vergonha de uma mulher dessas! Não tem nem vergonha, né cara. Eu fico pensando, esse povo esquece que é pai e mãe. Aí o filho foi lá chorando: “Ô mãe, não faça isso, saia, não sei o quê, não sei o quê...” Aí ela saiu. Me esculhambando, mas saiu. Só que aí agora também... Isso foi ano passado e aí, por conta disso, de tanto eu bater na tecla também, que as categorias de base os pais *são ridículos, são ridículos...* Os caras esquecem que são pai e mãe. E aí a gente tem o TJD daqui, o Tribunal Desportivo, aí agora é o seguinte. Já tá... Porque assim, não posso julgar categorias de base, porque são crianças e não pode ir pra julgamento. Só que agora o que é que acontece? Se acontecer episódios como esse ou reclamações exageradas dos pais, a gente relata *o clube* e o clube é punido. É punido com portões fechados, é punido financeiramente e aí melhorou muito. Esse ano a categoria de base... Rapaz, eu fui apitar... Um dos times, que é tipo um daqueles times de escudo daqui, que meu Deus. Os caras realmente acham que estão no estádio, torcendo pelo adulto. Eles esquecem que é sub 9 e aí teve um pai lá que começou a se exaltar, começou a querer falar muito... Aí eu só fui lá

no treinador: “Olha, controle seu torcedor, porque daqui a pouco eu vou ter que parar o jogo”. Ele: “Não, não se preocupe não e tal...” Por quê? Porque ele já sabe que o clube vai ser punido. Então na mesma hora ele mandou o cara ir lá. O cara do time, né? O cara do time foi lá, o cara se calou e ficou uma beleza. Eu digo: “Olha, como Tribunal evita!” Rapaz, depois que entrou o Tribunal aqui, melhorou... Isso também é muito importante pra evolução e aceitação do feminino. Por exemplo, no adulto, as confusões diminuíram nem só com mulheres, mas com homens também. Você hoje, você não vê mais uma briga no adulto, porque o cara sabe que se ele meter a mãozada no outro, ele vai pegar um ano de punição, fora a multa que o time vai pagar. Foi uma bênção.

M.L. – Fernanda, você olha na arquibancada, você é árbitra e você vê uma mulher com uma postura deste tipo. Qual a tua análise desse quadro: uma mulher que vai pra um local de jogo e que começa a te fazer xingamentos?

F.F. – Eu tava até conversando com a Paty sobre isso. Eu tava dizendo pra ela: “Olha, às vezes, a gente acha que o preconceito é porque a gente é mulher”. Entendeu? Porque a gente é mulher e tal e tem esse preconceito... Mas na verdade não é só o fato de ser mulher, já existe essa questão do árbitro, do árbitro. De ser chamado de filho da... (pam), de ladrão, de não sei o quê, porque os homens também são chamados, né? Mas você ver que não é só de homem pra mulher, é de mulher pra mulher. Eu já cheguei a apitar jogo feminino que mulher olhou assim: “Vixe, essa árbitra aí que vai apitar? Não sei o quê, não sei o quê...” Entendeu? Então, não é só dos meninos também, né? *Claro* que por ser uma população maior, acaba aparecendo muito mais, mas tem essa mãe, por exemplo... Têm várias. Loucas, enlouquecidas, que ficam lá... Mas nesse dia foi... Igual teve uma que foi um vaaacaaaaa que eu também escutei: “Sua vaca, apita essa porra direito!” Eita! Mas eu virei, mas eu não consegui identificar. Olhei, olhei... Eu digo: “Rapaz, vai passar porque eu não consegui...” Ficou meio na zoada da torcida. Aí eu digo: “Mas...” Depois eu virei de lado, fiquei de frente... Doida pra ela gritar de novo, mas ela não gritou mais.

M.L. – E aí, qual a análise dessa agressão verbal vinda de outra mulher?

F.F. – Eu acho triste, né? É triste. Assim, primeiro eu acho triste pela falta de educação, né? Que nenhuma ocasião permite que você agrida a pessoa verbalmente e... ou em quadra,

ou no hospital, ou na escola, tipo, professoras sofrem muito isso. Professoras de Matemática, de Português, né? Então assim, eu acho uma falta de *respeito*, uma falta de *educação enorme*. Eu fico *arrasada*, principalmente que você é mulher. Aí eu digo: “Uma miserável dessa, podendo tá representando a gente de forma descente... Não, né? É uma desgraça!” Mas educação não tá pra todo mundo... Tá pra todo mundo, mas nem todo mundo quer, né? Então fica difícil.

M.L. – Fernanda, além dessas agressões verbais que vêm da torcida, houve algum momento de agressão física que você tenha sofrido?

F.F. – Não, graças a Deus. Assim, toda a minha trajetória de arbitragem, toda mesmo, desde o começo quando eu parei, quando eu voltei, eu nunca tive essa... Mas eu fujo da agressão física, né? É como eu tô falando... Vejo que vai começar a ficar muito.... Eu me afasto, saio, me tranco e tal, assim... Eu nunca cheguei a, a... A ter agressão mesmo, assim, sofrer agressão. Eu acho que teve um jogo que eu apitei, ainda na época em Sobral. Eu fui apitar num interiorzinho perto de Sobral que a gente teve que sair escoltada [riso]. Foi. Era um campeonato adulto masculino e aí a gente foi apitar... Nem fui eu que apitei o último jogo, foram os dois meninos... Eu fui pra apitar a final feminina, apitei, foi tranquilo o jogo. Os meninos foram a apitar a final masculina, bem de bairro, né? Aquela coisa assim, bem racheira, aqueles caras bem complicados, né? Eu nem vou. Eu nunca fui. Tipo: “Ah, vai ter competição no Condomínio X, do subúrbio, da quadra, do subúrbio não sei o quê...” Vou não. Eu apito competições oficiais, em quadras oficiais, com estrutura. Eu acho que eu nunca me expus a esse risco. Eu sempre apitei em... Em São Luís, o Felipe me escalou pra apitar... Quando eu cheguei lá, era tipo um condomínio, era a quadra de um bairro de condomínio, aqueles condomínios de casas populares, assim. Rapaz, era um *Carandiru!* O negócio era... Quadra desse tamanho, era um negócio assim, todo mundo... Os caras bebendo, fumando... Eu cheguei, olhei, liguei pra ele: “Ô, mande outro árbitro que *eu* não vou apitar aqui”. Pra ter ideia, o árbitro corria dentro da quadra, porque o alambrado e a quadra era uma coisa só, entendeu? Pra adulto? Liguei pra ele. Eu digo: “Olha, eu não vou apitar, porque aqui não tem a *mínima condição de segurança* para eu apitar aqui. Eu não vou ficar. Não dá. Infelizmente. Você ligue pra outra pessoa... Tá com uma hora, eu sei que é uma hora antes do jogo, mas eu nunca imaginei que você fosse me escalar pra um negócio desses”. Aí depois eu fui à Federação e falei pra ele: “Olha, eu sou árbitra

federada. Eu apito jogos em locais oficiais da Federação”. “Não, é porque esse campeonato era de um amigo, não sei o quê...” “Não, não me mande. Se você quiser que eu nem apite mais, eu não apito, mas não me mande”. E eu digo muito aqui também. Quando eu vim, o Falcão, eu digo muito a ele: “Me mande pra locais *oficias*. Não me mande para quadra de bairro”. Lá não sei a onde, não sei das quantas, que não vai ter... Não tem nem quadra pra você correr direito. Não! Dá pra mim não.

M.L. – Então sua postura é uma postura defensiva, né?

F.F. – *Claro!* Eu não vou me expor a... Eu não vou me expor a uma agressão, porque assim, a gente já tá propensa e aí você vai prum local que é noventa e nove por cento de chance de agressão? Vou não. Ah, eu me recuso a ir. *Sempre!* Desde... Isso foi algo que eu sempre tive. Eu acho que a gente tem que defender... E como eu digo, se os meninos também não apitassem, não teriam jogos nesses locais que são ridículos, que não é nem pra ter jogo. Mas apitam, fazer o quê?

M.L. – Fernanda, no geral, você acha que existe alguma diferença de tratamento e de reconhecimento entre árbitros e árbitras?

F.F. – *Existe!* Acho.

M.L. – Poderia citar?

F.F. – A prova maior é que, por exemplo, a gente tem um Campeonato adulto Cearense e eu não apito. E, por exemplo, eu sou árbitra CBFS e eu não apito e você vê árbitro que é primeiro quadro, tipo, entrou não faz nem um ano, apitando o Campeonato adulto. Justificativa? Não tem. Eles não têm uma justificativa. “Ah, porque eu acho...” Não, até me disseram uma vez por que eu perguntei por que não me escalavam para o adulto: “Não, é porque você chegou agora e tal”. Mas o cara tá há um ano também, então... “Não, mas é porque eu acho que você é muito novinha e tal...” Justificativas que... Por trás quer dizer que eles não confiam porque você é uma mulher.

M.L. – Você tem um escudo numa instituição nacional...

F.F. – *Nacional* e os caras não confiam. Eu vou sair do estado pra apitar um Sub 15 masculino e aqui no estado eu não apito [riso]. São as contradições, né?

M.L. – Vai entender, né?

F.F. – Mas eu não questiono muito não, assim, tipo... Assim, eu não sou muito de: “Ah, por que que eu não tô apitando? O que foi que aconteceu? Não sei o quê...” Eu me coloco à disposição. Não tão querendo usar... Tá bom. Não sou mais dessas, tipo, assim... Eu vejo muita gente: “Por que eu não tô apitando?” “Fernanda, tu não tá apitando?” “Bicho, não tão me chamando, então...”

M.L. – Tô aqui no meu canto, quando me quiserem...

F.F. – É.

M.L. – Fernanda, a que você atribui o número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

F.F. – Caramba! Eu acho que... Eu acho que a essa questão da valorização, que afasta muitas meninas. Quando as meninas vão fazer o curso, elas já entram no curso, o pessoal já é assim: “Ah, vai ser anotadora, né?” Já entram no curso e a primeira cantada já é pra ela ser anotadora. A mulher entra no curso, não é assim: “*Você vai ser árbitra! Vamos ser árbitra. Vai lá pra você ser árbitra e tal*”. Não é. Eu acho que a valorização também, tipo, de ver em quadra mulheres pra poder, tipo: “Ah, caramba, massa! Quero ser também”. Entendeu? Você não vê. E as que tem, apitam pouco. Então você não vê. E eu acho que a valorização financeira também não estimula muito as meninas, porque se você for parar para pensar: “Ah, eu apito dois jogos, corro pra caramba, ganho oitenta reais. Ela vai pra mesa, faz a súmula de quatro jogos e ganha cem reais”. Então... é mais vantajoso ficar ali, pode usar o brinquinho dela, pode usar maquiagem... Então acaba que... Eu acho que quando bota... Eu acho que tudo isso influencia também nas meninas escolherem. E eu acho que a divulgação também nas faculdades de Educação Física ainda é muito pouco, porque eu acho que se fossem pro curso, dizer... Tem *muita mulher* no curso de Educação Física. *Muita! Muita mulher* mesmo, mas a divulgação é muito pouca.

M.L. – Na tua opinião, o que poderia ser feito para que aumentasse o número de mulheres na arbitragem do futsal nordestino e brasileiro?

F.F. – Eu acho que difundir o papel das mulheres, mostrar mais mulheres apitando, levar as mulheres pro... Campeonato Universitário feminino não tem mulher apitando! São poucas. Então você... A pessoa tá se formando em Educação Física, não vê mulher trabalhando: “Ah, não. Não vou pra essa área. Essa área não da pra mim”. Acho que levar pras universidades, levar pros cursos de Educação Física, levar pra... Eu sei que também tem pessoas que apitam e que não são do curso de Educação Física, então leva pra esses cursos, Escola Técnica... Começa a levar pra mostrar pras mulheres que, tipo assim, existe área pra trabalhar no futsal.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]⁶

M.L. – Fernanda, você percebe alguma diferença na condução das partidas, no portar-se, entre as árbitras do Nordeste e de outros estados do Brasil?

F.F. – Dôra, eu acredito que não, né? Eu acho que assim... Eu não apitei com todas, assim, já, mas eu já apitei com as do Mato Grosso, Rio, São Paulo, Pernambuco, do Nordeste e do Sul e Sudeste e não percebo diferenças não. Percebo assim, realidades diferentes, por exemplo, as meninas do Sul e Sudeste, eu acho que elas têm oportunidade de apitar adulto, de apitar jogos masculinos, porque lá são mais competições, as competições são maiores, né? São usadas mais do que a gente do Nordeste, né, e assim, mais assim, em termos de... Acho que as mais... Experiência eu percebo uma certa diferença. O pessoal do Sul e do Sudeste tem alguns anos a mais de quadro, mas em termos de técnica, eu acredito que não. Assim, eu acho que, por exemplo, eu vi a menina que é FIFA apitando, a Catu, você percebe algumas coisas diferentes de técnica, né, mas aí vem muito também da prática, da experiência que a árbitra tem, mas em termos da aplicação da técnica, eu acho que a gente tá bem, bem parecido.

⁶ A entrevistada precisou ausentar-se do local da entrevista por motivos pessoais. A segunda parte da entrevista aconteceu em 12/08/2019, às 20h30min, via *skype* – a entrevistadora em Senhor do Bonfim (BA) e a entrevistada em Fortaleza (CE). Houve várias tentativas de agendamento do término da entrevista em data mais próxima da inicial, mas por incompatibilidade de agenda entre entrevistada e entrevistadora somente foi possível concluí-la no dia e horário supracitados.

M.L. – O pessoal do sul possui algumas convenções que fogem um pouco da regra. A sinalização de lateral, por exemplo, eles costumam usar mais o gestual do ombro, do que a sinalização com o braço... A regra não explicita esse gestual, né?

F.F. – Aqui a gente faz assim: como são dois, o do lado que a bola saiu, sinaliza com o braço e o do outro lado, ele faz essa virada e não sinaliza. O árbitro que tá no lado contrário da jogada, não precisa sinalizar.

M.L. – Isso. Como rege a regra.

F.F. – Ele não precisa sinalizar, mas pra ajudar, ele vira pra dizer: “Ô, foi pra esse lado”. Aí se você tiver na dúvida, já dá uma conferida com o colega do outro lado...

M.L. – Fernanda, o que é ser mulher-árbitra no nordeste brasileiro?

F.F. – Ser mulher-árbitra no Nordeste... É um desafio. A gente... A cultura do Nordeste é uma cultura muito machista. *É intrínseco*, né? Não adiante as pessoas... Claro! Graças a Deus tá mudando, tá evoluindo, mas é a passos de tartaruga. A gente tem o preconceito desde *dentro* da Federação, dos *homens que administram o corpo*. Por exemplo, aqui no Ceará, *todo* o corpo de dirigentes de arbitragem são homens.

M.L. – Aqui na Bahia também.

F.F. – Não tem nenhuma mulher participando da parte pra dizer assim: “Vamos escolher fulana...” Não, não tem nenhuma mulher na parte da Diretoria, vamos dizer assim, né? São *todos* homens e a grande maioria também é composta por homens e assim, ser árbitra no Nordeste é um desafio, é virar mulher paraibana. Tem que virar “*mulher macho, sim, senhor*”, porque você tem que ter... Eu brinco, né, que você tem que ter força na peruca [risos], porque é um desafio, porque são vários problemas, você vai enfrentar preconceito, você tem que provar que é *muito* melhor do que qualquer homem, você não tem que ser... Não basta... Eu falo pra Patrícia que não basta ser boa, você tem que ser *ótima, excelente, muito boa*, pra você conhecer o mínimo reconhecimento, porque eu sei de ouvir, tipo aqui, pessoas dizendo: “Ah, só é árbitra CBFS, porque tem a vaga e não tem outra”. Entendeu?

Tipo: “Ah, o feminino é muito fácil chegar ao quadro, porque não tem concorrência”. Mas tem, né? Mas assim, a gente sempre escuta isso.

M.L. – Até hoje, se você parar para pensar, quais foram às maiores barreiras que encontrou ou enfrentou ao longo da tua barreira como árbitra?

F.F. – As maiores barreiras... O preconceito é uma delas, porque acaba que a oportunidade é... Ela vai vindo devagarzinho, né? Você não chega e começa a apitar no dia seguinte. Você vai, vai devagar, é um trabalho de formiguinha, né? Então o preconceito, eu acho que é uma barreira; o medo também é uma outra barreira, porque, quer queira quer não, a gente tem muito medo do, do... medo do que possa acontecer, o medo da violência, o medo das agressões, o medo de se expor ali naquele espaço, né? E assim, eu tenho medo apitando jogo de homem e de mulher. *Jogo!* Eu digo que jogo, pode ser de brincadeira; foi jogo, alguém não vai querer perder e vai levar a sério. Eu lembro que uma vez eu fui apitar um [riso]... Eu não esqueço. Assim que eu cheguei no Maranhão, eles me colocaram para apitar uma partida entre os árbitros...

M.L. – Aff... É a pior partida...

F.F. – Não era nem uma partida valendo. Era algo tipo... Um encontro dos árbitros e tal... Gente, eu acho que foi um dos jogos que mais deu confusão na minha vida toda [riso]. Tanto que do meio para o fim eu parei o jogo e disse: “Não, gente. Eu não vou mais apitar. Eu me recuso. Isso é uma palhaçada. Não tem lógica”. Eu chamei o Presidente, entreguei o apito a ele e fui embora. E aí, é... Jogo é jogo. Alguém não vai saber que é brincadeira e tipo assim, tá valendo, né? Pode ser disputando... Nada! Alguém vai querer ganhar e pode dar confusão. Então tem esse medo também. Eu acho que o preconceito, o medo... Outra barreira, assim dentro da arbitragem também, é a questão financeira mesmo da arbitragem, que não te dá uma: “Não, vou me dedicar a arbitragem. Vou ter como profissão, ser árbitra”. Não dá. Você tem que ter um emprego que lhe sustente e a arbitragem que vai tá ali, num segundo plano, né? Um extra.

M.L. – Eu acho que Renata Leite é uma das poucas, no Brasil, que é árbitra de profissão. Ela arbitra futsal e futebol de deficientes visuais. Ela já apitou *beach soccer* também.

F.F. – É. Renata Leite ficou no futsal, mas ela consegue se manter como árbitra, porque primeiro porque o valor de São Paulo é melhor, bem melhor do que o nosso, e lá, como todos sabem que ela vive disso, ela apita todo dia. Ela tem esse respaldo de ser colocada... Até porque, em São Paulo, a Diretoria tem mulheres.

M.L. – Isso.

F.F. – Então já olha de forma diferente.

M.L. – Fernanda, que avaliação você faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal nordestino e até mesmo brasileiro, sejam como atletas, como árbitras ou como dirigentes?

F.F. – Eu vejo... Atualmente eu acho que há uns cinco anos, mais ou menos, acho que... Nos últimos cinco anos... Dez... Dez, eu acho que muito. Acho que nos últimos cinco anos, eu acredito que a gente tem dado um avanço significativo de profissionalizar atletas femininas, da arbitragem, né? Que tá começando a... As competições começaram a vir muito pro nordeste, as competições nacionais, e, por exemplo, a gente tem a melhor atleta da... A melhor atleta de futsal do *mundo* é nordestina. Uma cearense. A Amandinha. Na própria Seleção Brasileira, o técnico é cearense e nordestino, né? Das atletas, acho que das catorze atletas da Seleção, se eu não me engano, tem umas cinco cearenses, mais ou menos. Tem a Neguinha, que é nordestina; tem a Nenega, que é a pivô. Então é a galera do nordeste... Então assim, eu acho que... E assim, eu digo muito, a galera do nordeste chega lá, porque tem *muito* talento. As oportunidades são mínimas. É você dar a sorte de conseguir encontrar um cara que tenha um contato e que te mandou pra lá, mas assim, como a gente tem *muito* talento, consegue chegar lá. Mas é muito difícil. É *muito, muito* difícil. A gente tira pelos Campeonatos Estaduais. O Cearense, *esse ano*, abriu e vai ter... A gente vai ter esse ano, no feminino, Sub 15, Sub 17 e o adulto.

M.L. – Que bom!

F.F. – Até o ano passado só tinha o adulto. Então eu considero isso uma evolução assim... *Massa!* Aí você vai bem aqui em Natal, tem campeonato feminino. Você vai...

Pernambuco tem, mas assim, a Paraíba eu não sei se tem. Eu acho que Mara comentou, não lembro se ela falou que tinha. Eu acho que não tem também. Então... Tem os Escolares ainda, né, mas assim, Campeonato Cearense... Campeonatos Estaduais com toda aquela... O feminino daqui não chega aos pés do masculino. Aí fica difícil, mas acho que a gente vai um dia chegar lá [riso].

M.L. – E a questão, Fernanda, das dirigentes, das árbitras? Como é que você vê a inserção das mulheres nesse cenário?

F.F. – Dôra, eu acho que a mulherada ainda tem muito espaço pra ocupar, né? O que a gente vê hoje é que as comissões técnicas, elas são predominantemente masculinas. Campeonato Cearense... Vou falar pelo Campeonato Cearense, que é o que eu tenho de base... Campeonato Cearense, de dez times, tem *uma* comissão técnica feminina. Todos os outros são comissões técnicas totalmente masculinas, em todos os aspectos: técnico, fisioterapeuta, preparador físico... Em todo aspecto é muito masculino ainda. Eu acho que... Eu acho que cai na mesma coisa que eu falei da questão da arbitragem. Eu acho que tem ser mais difundido, tem que começar a abrir mais os cursos, chamar a mulherada pra fazer curso técnico, chamar a mulherada pra ir pra quadra mesmo, pra ficar do lado de cá, né? Estimular, falar que tem espaço e é a mesma coisa a arbitragem. Eu acho que ainda tem muito espaço pra mulher, mas tem muito pouca mulher ainda na arbitragem.

M.L. – Fernanda, quais os pontos positivos e negativos de ser árbitra de futsal?

F.F. – Eita [risos]... Vou começar pelos positivos, né? Coisa boa, né? Pra mim os pontos positivos... É... Como é que eu vou colocar? Eu acho que estar no esporte, pois futsal é um esporte apaixonante. Você tá ali, aquela adrenalina, aquela emoção, um jogo dinâmico, um jogo que você tem que pensar rápido, é adrenalina o tempo todo, né? Pelo menos pra mim assim, é um dos esportes mais coletivos que tem aquela sensação de você tá ali, naquele momento... É um ponto positivo. Acho que o segundo ponto positivo são as amizades que você faz. As amizades, tanto com os profissionais, colegas, árbitros, como com atletas, com dirigentes, com os clubes... Acho que a amizade é algo que sempre fica. Você sai da arbitragem, mas aquelas amizades, o carinho, ficam. Também é um ponto muito positivo. É... As experiências que a gente leva. O que você aprende... Você aprende com a derrota dos outros, você aprende com os seus erros... Pra mim isso é um ponto extremamente

positivo, você reconhecer: “Nossa! Hoje eu errei esse lance. Eu não apitei legal...” Acho que reconhecer esses erros, eu acho que é um ponto de amadurecimento, de experiência que você... Eu levo pra vida, assim, né? Eu levo... Eu levo realmente pra aprendizado de vida mesmo. Pra mim são os pontos positivos. Nos pontos negativos... Eu acho que é... a exposição que a gente tá ali pra receber palavrão, pra ser esculhambada, pra ser criticada. Eu acho que a exposição, a super exposição que a gente faz, porque a gente dá à cara a tapa. Você tá ali ao vivo e a cores. Literalmente você dá à cara a tapa, porque pode vir um tapa. E aí pra mim, esse também é um dos pontos mais negativos: essa cultura que ainda tem de esculhambar o tempo todo, de ficar falando, reclamando o tempo todo. O cara sabe da regra, às vezes... Ele sabe que foi falta, mas ele tem que reclamar, porque já é cultural reclamar. Isso, pra mim, é cultural já. Até lateral, a boleirada reclama, né? “Pô, foi lateral...” E aí, pra mim, isso é *muito* negativo, porque, às vezes, lhe consome, né? Eu tava até nesse final de semana apitando... Eu fui apitar na categoria de base, que é a que mais dá trabalho. Eu fui apitar um jogo sub 11, Ceará e Fortaleza, que é o clássico daqui, e aí os pais, eles... E a torcida organizada, eles não conseguem entender que são crianças. Pra eles, eles estão no estádio de futebol, Ceará e Fortaleza... Eles não conseguem entender que é um sub 11, que você tem que educar, que você tem que chamar, que você volta o lance: “Vem cá. Bota a bola aqui”. Não entendem! Rapaz, tinha um pai... *Meu Deus!* O cara me encheu *o saco*. Gritou assim, o jogo inteiro. *Tudo* que eu marcava, a favor do time dele, contra o time dele, *tudo*, ele tinha uma coisa pra falar. Então assim, é muito chato isso. Isso é um dos pontos negativos que, às vezes, você fica: “Pô, vou parar. Eu não preciso ficar mais tá ouvindo isso”. Né?

M.L. – Isso.

F.F. – Tem horas que eu fico: “Pô, não preciso mais tá ouvindo...” É o cara me... Tipo: “Ah, você é ladrona, você é burra, você é não sei o quê...” Não preciso mais tá ouvindo isso, né? Mas aí os pontos positivos vêm e a gente acaba ficando. Acho que dos negativos, pra mim, esse é um dos piores. O segundo negativo, que eu acho que é também é um outro empecilho e que também é muito ruim, é a questão financeira mesmo. Que ainda é muito desvalorizada. O valor das categorias de base... É... “Porra! Muito pouco”.

M.L. – Dentre tantas coisas que nós colocamos, que você explanou, existe algo que você queira externar, que você acha que é pertinente, nesse momento, ser falado com relação à arbitragem, com relação a tua trajetória? Algo que faltou ser dito, que faltou ser verbalizado?

F.F. – Eita... Tô tentando lembrar aqui de tudo que falamos desde o começo, mas assim... É... Eu acho assim, com relação à arbitragem, com relação à caminhada, eu não me arrependo de ter entrado nessa carreira, de ter entrado nessa profissão, né, vamos dizer assim... Eu acho que foi uma caminhada entre altos e baixos, com pontos positivos e negativos, mas assim, eu fui feliz e sou muito feliz. Creio que minha carreira talvez não dure *muito* mais tempo ainda, porque vou acabar seguindo minha jornada como médica e meu tempo vai ficar cada vez mais curto, mas é... E também eu acho que outra coisa que todas as árbitras deveriam fazer: eu acho que a gente tem que sair quando a gente tá bem, porque... A gente tem que sair bem. Não sair tipo: “Ah, já comecei a fazer besteira, já comecei a fazer um monte de merdas (desculpe a palavra)...” Depois, quando você começa a fazer um monte de besteira, aí diz: “Ah, agora eu vou sair. Tô cansada já!” Eu acho que você tem que sair mesmo: “Pô, tá bom. Já deu o que tinha que dar”. E outra consideração é com relação a sua pesquisa que eu achei genial o tema. Eu acho que o seu trabalho vai contribuir *bastante* com o que eu falei durante a entrevista inteira, que é mostrar que existe, que há área para o feminino. O teu trabalho, ele vai vim somar com esse trabalho de dizer assim: “Galera, existem árbitras femininas. Existe área para o futsal feminino, tanto na comissão técnica como... como atleta, como árbitra”. De fazer as mulheres se apoderarem mais desse espaço. Acho que só te parabenizar mesmo. Acho que o teu trabalho vai ficar genial. Quero saber quando é que vai lançar esse livro aí pra gente puder...

M.L. – A meta é ano que vem. Depois que eu fizer a defesa do Mestrado...

F.F. – E assim... Eu acho que o segundo passo, depois de teu trabalho pronto, uma sugestão é difundir, é participar dos... Eu acho que você tem que lançar a proposta de participar dos Congressos. Tem um Congresso de Arbitragem Nacional, tem um Congresso de Arbitragem Norte/ Nordeste, tem os Congressos de Educação Física... Eu acho que você tem que tá lá dizendo: “Oh! Existe essa área, com poucas mulheres, e as mulheres têm que se apossar dela”.

M.L. – Fernanda, quero te agradecer, dizer que foi um prazer imenso te conhecer e dizer que o nosso bate-papo foi muito enriquecedor. Agradeço muito as suas sugestões.

[FINAL DA ENTREVISTA]